

GEORGES BATAILLE: TOQUES NA EXPERIÊNCIA, UM CARRO E NOSSA DESESPERAÇÃO

GEORGES BATAILLE: TOUCHES IN THE EXPERIENCE, A CAR AND OUR DESPERION

ANGELENE LAZZARETI*

MIRNA SPRITZER**

Resumo: O presente ensaio foi escrito a partir de inspirações provenientes de leituras sobre Georges Bataille, sobretudo as que dizem respeito ao tema da experiência poética. A reflexão conta com os aportes de Jean-Luc Nancy, estudioso de Bataille e pensador da filosofia contemporânea. A experiência poética do limite que transita *entre* a presença e a ausência pretende, a partir dessa reflexão, desenhar um corpo de pensamento que se desconhece na escuridão que deseja e sobre a qual não possui outra possibilidade de não ser lançar-se.

Palavras-chave: experiência, Georges Bataille, poesia

Abstract : The present essay was written from inspirations on Georges Bataille, especially those texts relating about the theme poetic experience. The reflection has contributions from studies of the thinker of contemporary philosophy Jean-Luc Nancy related to the works of Bataille. The poetic experience of the limit that transits *between* the presence and the absence intends, from this reflection, to draw a body of thought that is unknown in the darkness that it desires and on which it has no other possibility than to launch itself.

Keywords: experience, Georges Bataille, poetry

* Doutoranda em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

** Professora no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Este ensaio, inspirado em Georges Bataille e nos diversos estudos sobre o tema experiência poética, é o relato de uma desesperação. A mesma frase utilizada por Bataille na página quinze da obra intitulada *El aleluya y otros textos* ao tratar da experiência mística ou interior. Se o filósofo francês Jean-Luc Nancy, também admirador de Bataille, estava certo ao dizer que os seres se tocam, direta e indiretamente, no “entre” que partilham (ou melhor, como este “entre”), no qual todo contato é também tato e pressupõe contágio - é a febre de Bataille que me contamina. O relato de uma desesperação. Será que, em alguma medida, nos entretoamos ao utilizar as mesmas palavras dispostas desta maneira em uma frase? Será que nos entretoamos (eu e tu, eu e ele, nós e ele) ao lê-las em seu livro? Habitamos juntos, eu e ele, esta frase que eu escolhi repetir e aqui reafirmar? Será que Bataille quis que o tocássemos quando escreveu suas palavras? Isso se é que é possível dizer que são ainda “suas” e que algo dele está “ali” naquelas letras, me tocando em contágio com alguma febre. E se é que podem ser propriedade, de quem são essas palavras? Do pensamento que as tangenciou, ou de quem fez o pensamento que as tangenciou, ou são de “para quem” esse pensamento foi endereçado, ou ainda, de quem optou por atualizá-las (fazer com que existam “aqui”)? O poder sobre as palavras e o poder que elas exercem, a subordinação à linguagem e a estabilização dos sentidos foi alvo de parte das questões do estudioso.

Assim que não somos nada, nem tu nem eu, ao lado das palavras ardentes que poderiam ir de mim até ti, impressas em uma cartilha: pois eu não haverei vivido mais que para escrevê-las, e, se é certo que se dirigem a ti, tu viverás para haver tido a força de escutá-las. (BATAILLE, 1988 p. 31)

Se esse toque é, em alguma dimensão, possível, se dissolve rapidamente antes de voltar a tocar. Isso porque a frase que sucede a desesperação inicial descreve que o mundo é dado ao homem como um enigma a resolver e que ele, o Sr. Bataille, dedicou a sua vida a esse enigma. Segundo o autor, havia, neste período, um mundo ainda não visto, não explorado pelo olho humano. Havia um horizonte a ser ultrapassado. Entretanto, este horizonte compreendido por ele já como um lugar e um lugar manchado de sangue, rastros, escombros e proibições, limites explícitos que funcionaram para Bataille mais como convite que como advertência. Havia, de certo modo, uma possibilidade nova de borrar

as fronteiras entre territórios convencionados como opostos, distantes ou simplesmente diferentes. Seja em termos de natureza ou de propriedade, a relação entre o sagrado e o profano encontra intensidades extraordinárias na obra de Bataille quando se trata de borrar as fronteiras. Mas será que atualmente há ainda algum horizonte a ser ultrapassado? E se todas as respostas já tiverem sido dadas a esse enigma? E se além de não existirem mais respostas possíveis, não existir mais enigma? Qual o limite do limite a ser transposto? E será que há ainda o desejo de ultrapassar algo? Ou antes, de frear?

Frear algo que se parece com um carro que passa e que pertence a uma estrada, que roda enquanto houver combustível e que é de propriedade de um sujeito que não é em definitivo nem motorista e nem caroneiro. E se esse frear seja alcançar a possibilidade de fechar os olhos diante do bombardeamento de tantas informações, que nos chegam de tantas direções e lugares? Não estaríamos agora, expostos a uma claridade excessiva que atenua qualquer possibilidade de raridade, novidade ou de que algo tangivelmente mobilize? Que espécie de anestesia existe em resposta a uma possível banalização da vida que já está inteiramente descoberta e esclarecida? Se toda informação e muito conhecimento é acessível por um clique, o que há ainda para ser alcançado ou ultrapassado?

O próprio Bataille, inspirador desse ensaio, derruba a possibilidade de haver “O enigma” como tal. Entretanto, mantém a possibilidade de uma exceção: a experiência. A reação a um chamado, em oposição à resposta a uma pergunta. Nancy já diria que perguntas são feitas para serem respondidas e se respondem com conhecimento. Já um chamado não se responde, mas se aceita. Trata-se de aceitar o chamado da experiência, mesmo sem entender, pois é algo que não solicita conhecimento, mas presença. Eis aqui um enigma onde o desconhecimento e o desconhecido são mais bem-vindos que o conhecimento e o conhecido. E o saber menos necessário que a escuridão. Mas antes de tocar a presença, voltemos um instante para o primeiro trecho desse ensaio. Refiro-me ao peso da ciência de que no fragmento “Habitamos juntos, eu e ele, esta frase que eu escolhi repetir e aqui reafirmar?” este *eu* está ausente. Isso porque eu não existo para Bataille e digo isto duplamente (obviamente para sua pessoa e segundo seu pensamento), do mesmo modo, sou um ponto ausente para quem lê o presente ensaio. A tentativa da lembrança de quem poderia ser esse ou essa a escrever (no caso de já termos nos visto) ou a tentativa de imaginar uma pessoa na qual esta roupagem de *eu* possa servir. Mesmo que me toque agora ao ler essas

palavras que escrevo e que eu te toque ao ser lida por ti, se há algum lugar vago neste carro é justamente esse, *eu*. Bataille tratou sobre essa questão e mais uma vez inspirada nele, posso ser encarada aqui como um fantasma, um rosto feito de neblina inconsistente, considerando, segundo o próprio escritor, que todo rosto manifesto possui em si um rosto oculto. Segundo ele,

O que tu eres depende da atividade que une os elementos sem número que te compõem, da intensa comunicação desses elementos entre eles. São contágios de energia, de movimento, de calor ou transferências de elementos que constituem interiormente a vida do teu ser orgânico. A vida não está nunca situada em um ponto particular: passa rapidamente de um ponto a outro (ou de múltiplos pontos a outros pontos), como uma corrente ou uma espécie de fluído elétrico. Assim, onde desejavas captar tua substância atemporal, não encontras mais que um deslizamento, os jogos mal coordenados de teus elementos predecessores.[...] Eu não sou e tu não eres, nos vastos fluxos das coisas, mais que um ponto de parada favorável a um ressurgir. (ibid., p. 30-31)

A fim de retornar ao toque, gostaria de escrever um pouco sobre o título do primeiro livro de Bataille, segundo registros, *História do olho*. Localizo-me longe da presunção de corresponder à complexidade de seu pensamento, alimentada mais por estímulos inspiradores que por defesas a edificar sobre o estudioso e sua obra. Pois bem, *História do olho*, o título escolhido por aquele que diz que escreve para apagar seu nome - Georges Bataille - um olho sem nome, poderíamos intuir. Um olho sem nome, poderíamos, nós... intuirmos. E esta frase só existe enquanto afirmação possível no momento em que, ao escrever/ler esta linha, esse toque é sinalizado. Trata-se de um acesso a ser percebido, que nestas linhas há o acesso ao nosso toque. Outra percepção iminente é que Bataille, certamente que embebido de erotismo, escolhe como nome de um título (um primeiro título), o olho. E somado a convivência junto a um pai cego, a evidência da possível inutilidade de um olho e a exploração sobre os possíveis outros olhos que pode ter um corpo. Incomodado com a questão sobre o que seria a iluminação diante de um ponto cego, o escritor dizia não ser necessário acender a luz se não se pode ver, explicando também sobre a penumbra na qual seu pai repousava dia após dia. Faço dessa ideia de Bataille uma pergunta. Já que para ele, há sempre algo que não se pode ver, há sempre o indizível, o bosque escuro,

o não-saber. Já que há algo de inalcançável e inacessível sempre presente, é ou não é necessário acender a luz? Acender a luz, nesse caso, não seria um perigo? A possibilidade de ver aquilo que não se pode ver. Há um desejo de manter a luz apagada? Ou melhor, uma necessidade? A provocação a respeito da iluminação do mundo se torna uma prepotência do sujeito em direção à sua própria aniquilação? E que tristeza absurda esse fator comporta se a única verdade a qual temos acesso é a dos olhos com os quais percebemos o mundo, um mundo no qual é preciso ver para crer? O olho como norteador regulador da percepção foi escolhido por Bataille como crítica, o que resultou em um apelo para que fechemos os olhos para poder ver, para que enxerguemos com os olhos dos sentidos e não com o olho do sentido, para que enxerguemos com os outros olhos do corpo, considerando que a experiência será sempre uma mancha cega no entendimento.

Esse jogo de impossibilidade já foi bastante experimentado por muitos pensadores. Talvez o próprio Bataille tenha tocado esse sentido ao conviver com o olho ausente do pai e o olhar ausente do pai como ausência de pai, que reverberou em uma espécie de inspiração também em outros textos. Eu, o rosto de neblina inconsistente que escreve o ensaio, arrisco dizer que sou tocada por Bataille também aí. Não tive pai. Tive (e tenho de dizer isso apenas porque fui gerada), mas não tive. Experimentamos, de distintas formas, a presença de uma ausência. Uma ausência como presença. Uma ausência presente, não como coisa, mas como ausência. Sem apelo psicanalítico, há sempre uma figura semelhante e próxima da impossibilidade na obra de Bataille, como o bosque escuro de um olho que não vê alguma coisa - que não funciona para ver o que vemos. Antes, é a escuridão como tal que vê esse olho, que se apresenta para ele e o toma para si. A entrega a uma cegueira que enxerga mais que o olho sadio.

A utilidade das coisas é sempre um questionamento para o escritor, como a qualidade existente na inutilidade de um olho cego, correspondendo com a repulsa à domesticação dos instintos que a ordem da economia da utilidade, do lucro e da autoconservação pressupõe para o sujeito que se torna servidor de si. Entretanto, outro breve retorno, dessa vez ao enigma citado anteriormente, não há tragédia relativa em decorrência de meu não-pai. Quantos milhares de pessoas não experimentam o mesmo? O quão banal se tornou esse fato (e tantos outros como esse), somos não mais que uma multidão sem pai que ainda não fez disso poesia. Considerando essa questão, temos aqui a constatação de outro

lugar vago no carro. *Eu* achei que fosse o único lugar vago no carro. Felizmente, dois ou mais lugares vagos fazem companhia um ao outro, suas ausências se tocam, compartilham o seu *entre*. Mas se Bataille estava certo ao proferir que toda sensação intensa destrói qualquer tipo de ordem estabelecida, não é mesmo necessário acender a luz (a menos que a escuridão seja realmente uma forma de luz invisível, já que Bataille gostava tanto da frase de Nietzsche que diz que “a noite é também um sol”).

Vamos deixar que seja traçada uma correspondência. Bataille define o lugar de onde quer falar, sobre o qual quer falar. Segundo ele, quando Deus morre (assinando o fim do grande enigma), mesmo quando não há mais Deus, há ainda o espaço que ele ocupava, mas agora vazio. Um lugar vago. O espaço da ausência, e é neste lugar que Bataille lança sua transgressão. Para ele, o religioso é aquele que não aceita a única verdade do mundo, a mortalidade. E viver aberto à mortalidade em sua nudez constitutiva é envolver-se menos nas camadas de anestesia que amenizam a possibilidade de um corpo, qualquer que seja ela. Bataille escreveu que escreve para apagar o seu nome. Compreendo que um nome é mais e é menos que um sujeito. Pode ser a morte, que é ao mesmo tempo uma palavra e um ponto. Um nome para o acesso no escuro ao inacessível, não se pode ver, tampouco acender a luz. A única ação possível e inevitável é entregar-se a escuridão, não é você que a vê, mas antes, ela que se apresenta.

Jean-Luc Nancy enfatizou em alguns de seus textos que se algo é bem conhecido é porque é seu fim. E seduzida pela possibilidade de tocar o não-saber do qual fala Bataille, talvez fosse melhor não escrever nada. Só assim seria possível escrever alguma coisa, vislumbrar alguma possibilidade de nascimento. Mas a cada palavra aqui somada e a cada letra lida, chegamos mais perto da morte. Para falar sobre experiência poética em toda sua potencialidade, de fato, seria necessário antes não dizer nada. E antes ainda, havia aqui, há poucos segundos atrás, um espaço vazio. Foi preenchido por estes corpúsculos de letras, com o único intuito de tentar descrever a possibilidade de não preenchimento que esses mesmos corpúsculos aniquilam. O não-saber ou o êxtase em estar diante de todos os saberes possíveis. Mas agora só é possível voltar, ainda que o retorno completo seja impossível. Afinal de contas, já se sabe. Já sabemos que esse espaço foi preenchido por uma presença (qualquer que seja, de quem quer que seja). Não há acordo que encerre ou convencie aqui um vazio que não seja por ou como um apagamento. Apagar estas palavras. E será que todo vazio po-

deria ser um apagamento? Simultaneamente um lugar para e um lugar onde? Pois o silêncio de Bataille é o apagamento da voz que falava ou o lugar que se abre para que a voz possa falar? O lugar onde a voz se lança para morrer? De que escuridão fala tanto Bataille? É a morte de alguém como *eu* ou a morte de um olho, o limite de alcance de toda possibilidade, ou a presença de uma ausência? Em 9 de julho de 1962 Georges Bataille morreu. E como ele pode estar tão presente nesse ensaio? Temos um morto presente? A presença de um morto? Da morte? Talvez ele seja, nesse momento, a única presença que podemos encontrar no carro. Quantos lugares vagos são necessários para a produção de um lugar ocupado (ou quantas ausências são necessárias para a produção de uma presença)? Quem dirige? Para onde? Até quando?

Ressalto que todo o caminho dirigido até aqui se fez por um único motivo, a experiência poética. E como é inspirador o pensamento de tantos escritores como Bataille, que afirmam que a experiência é algo como um estar fora, transgredir as fronteiras, lançar-se para fora, como um fora. Aqui me sinto apta, uma vez mais, a aproximar os pensamentos de Bataille e Nancy. Bataille porque cunha a noção “experiência interior” e Nancy porque enuncia que este interior é uma abertura, que o dentro é um fora do fora que o corpo é. Para o filósofo, “Há um dentro do corpo: os órgãos com as suas funções. Mas esse dentro não é o que se apresenta como corpo. Para apresentá-lo, é preciso violentar às vezes mais, às vezes menos, o corpo” (NANCY, 2015, p.7). Segundo ele, os processos comumente relacionados com o “interior” estão acontecendo fora, produzidos nas relações que os corpos fazem entre si. São sempre corpos com outros corpos, pois um só existente é impossível, tratam-se de corpos *ex post* uns aos outros nesse fora, partilhando suas exposições. Corpos produtores e produtos das relações singulares que apenas a pluralidade proporciona. Para Nancy, mediante ao toque, um corpo está sempre vindo.

Em consonância com essa ideia, Bataille desconfia da ontologia tradicional que sedimenta o sujeito fixo que *é*, considerando que todo *é* será acompanhado de um *deve ser* para o sujeito obediente às estruturas também fixas dos formatos admissíveis da ordem social. Como alternativa, viver uma experiência seria algo como transgredir os limites dessa ordem ao transgredir os limites do *eu*, retornar outro em um gesto de limite, romper-se, *entrar em outro*. A única continuidade possível, nesse contexto, se dá nas descontinuidades do sujeito em ação de alteridade. Exceder a si, um movimento em direção ao que ainda não

sou com relação ao que já não sou. Para Nancy, a singularidade só se manifesta por diferenciação a outra singularidade. Não se trata de uma qualidade essencial ou interiorizada de um sujeito que se diz único, que *é*. Ao contrário, para a criação de uma singularidade (de um *é*), ela precisa antes de um “a que” se singularizar. Nesse sentido, cada produção de singularidade se dá como alteridade evidenciando um toque no limite de si, onde o outro faz parte da produção do *eu*. *Corpos ex postos*, onde um corpo se singulariza em relação a singularidade do outro, gerando autoorientações de si, se produzindo como outro sempre, para o outro e para si mesmo. Pois não retorna o mesmo. Não há isolamento em território delimitado, a única medida é estar fora, ser outro em um mundo de outros no qual o *sou* é substituído, ao menos em ordem temporal, pelo *somos*.

Nesse sentido, a exposição é anterior à identificação e o *eu* do sujeito seria uma singularidade que se faz em relação ao outro e que não permanece. Um rosto vindo, outro indo, neblinas inconsistentes partilhando sua exposição. Bataille também relata no texto citado nesse ensaio, “El Aleluya y otros textos”, sobre estar andando na rua com um guarda-chuva, mas que não havia chuva alguma. Que razão haveria nisso? O problema não estaria em não levar o guarda-chuva quando se sabe que vai chover? E não estaria aí mesmo a resposta? Entre o excesso e a falta, escolhemos qual? Talvez a possibilidade de ausência de um objeto necessário, que possui lugar em determinado contexto. Você sabe que precisará de um guarda-chuva quando abre os olhos pela manhã, despertado pelo som de um trovão. Mas talvez o tempo esteja incerto e a probabilidade de chuva seja mais uma possibilidade que uma certeza. Encontra-se aí a possibilidade de uma ausência, caso o guarda-chuva fique em casa. Mas se você o leva consigo, corre o risco do excesso. De um lado, a estupidez de não levá-lo e encharcar-se em direção a uma gripe, e de outro, a estupidez de carregá-lo o dia todo enquanto o sol passa a brilhar alto no céu. A primeira ocasião assinala a falta como uma manifestação da ausência. A presença de uma ausência e seus rastros na roupa molhada. Mas a segunda ocasião é a presença de algo que não tem lugar como acontecimento. A falta ou a ausência, nesse caso, está manifestada na chuva que não está, fazendo sobrar o guarda-chuva que não tem utilidade para sua função, se tornando um objeto inútil. Nos dois casos há a ausência, ou do guarda-chuva ou da chuva. Na falta ou no excesso, a ausência parece ser a única presença que permanece ou que existe em comum. Não por coincidência, Bataille ficou conhecido por muitos como o “filósofo do excremento” por tanto

tratar das experiências do excesso. Para ele, o sujeito precisa morrer para dar espaço a seu nascimento, excluir a si para abrir lugar ao que o dá vida. Necessita urinar e defecar para poder beber e comer, considerando que o que é excluído é também corpo, mas um corpo que excede o corpo, promovendo que a ausência e a falta sejam aberturas para outro (corpo). A vontade de alteridade e de sair de si são grandes estímulos para o que o pensador chamou de transgressão.

E se até o excesso remete à presença da ausência, o que fazer se não se entregar a ela como um chamado? E se a experiência que se quer tocar esteja justamente aí? Tocar a falta, a ausência. E lançar-se a ela como única realidade tangível (que em última instância se refere a falta do próprio *eu* como “próprio”). Lançar-se em direção a uma promessa de encontro que é, por sua vez, menos o encontro e mais uma abertura à outra coisa. Que não tem a que encontrar-se, não tem a que agarrar como objeto encontrado, que em última instância seria mais um movimento que um nome a reconhecer, a saber. Mas um movimento que não possui ponto de chegada, que não tem um onde chegar, seu único sentido existente é o próprio movimento enquanto ação. Segundo Nancy, “Experiência: travessia até aos limites, travessia enquanto saber, e nenhum saber da travessia senão aquele que forma o próprio atravessar” (NANCY, 2011, p.115). Trata-se mais do desejo de promessa, que a promessa de encontro. Pois também não é a si mesmo que se encontra, pelo contrário, é desse si mesmo que se aparta nesse movimento. O si mesmo nunca permanece, o único acesso a ele é um vir a si como outro. “Quem não morre por não ser mais que um homem, não será nunca mais que um homem” (BATAILLE, 1988, p. 18). É preciso estar aberto ao encontro dessa morte como na passagem de Santa Teresa estudada por Bataille que diz “morro porque não morro”, indicando que a continuidade da vida se dá na descontinuidade dela mesma enquanto vida, como se cada instante a surgir prescindisse de uma morte anterior e a ela estivesse destinada para que haja algum depois.

Mas se a experiência estiver tão ligada à morte, tende a estar também ao nascimento. Segundo o escritor, “estando condenado a chegar a ser homem me é preciso morrer agora (para mim mesmo), dar-me luz a mim mesmo” (ibid., p. 17). Podemos então também dizer, que somos fruto de uma experiência que nos gerou, nos fez nascer e que o nascimento em si é uma experiência. Disso decorre pontuar embasada na ideia de nascimento em Nancy, que para que algo nasça, o nascimento/experiência precisa acontecer e para que esse algo chegue,

quando chega, essa experiência já aconteceu. O nascimento acaba quando a coisa nasce, para que ela nasça, o nascimento precisa acabar. A experiência é o que se ausenta, se retira assim que acontece e deixa em seu lugar a coisa já nascida. Há um nascimento que cada experiência desperta juntamente com a morte que ela dispara contra si. Bataille pensa a morte como ausência, o silêncio sem sentido da escuridão. Posso intuir que morrer é a única condição que o nascimento impõe, para si e para o que fez nascer. Mas será que é preciso antes morrer para nascer, ou nascer primeiro para, depois, poder morrer? Se a morte é esta ausência, será que não estávamos mortos antes de vir aqui, agora? Para Nancy, é a morte que nasce em nós.

Pode muito bem dizer-se que <Eu=Eu>, mas *Eu* não terá preexistido ao nascimento, de onde também não sairá: ele nascerá ainda para sua própria morte. Posso pensar que a <morte> vai *nascer* em mim? Que ela está incessantemente prestes a nascer? Seguramente, não posso pensar outra coisa. Nada terá preexistido ao nascimento, e nada lhe terá sucedido. Ele <é> sempre, ele não <é> jamais. Nascer é o nome do ser. (NANCY, 2011 pg. 115)

A experiência da qual trata Bataille se refere primeiramente a poesia que, para ele, é um acontecimento soberano distinto da vida organizada e controlada, faz a linguagem trair a si e destitui o seu poder sobre o sentido das palavras (já que na escuridão que deseja não há sentido). A poesia violenta os significados fixos, retira o vestido e o invólucro das palavras, que nuas, produzem uma relação de sentido autônoma. Trata-se de uma violência a favor de nós, que não faz vítimas para exemplo de castigo, mas desestabiliza as imagens instituídas e subverte os domínios do pensamento. Bataille chama atenção para formas de comunicação que existem a parte da linguagem, forças não semânticas que se tocam em contágio tangível na poesia e nos corpos febris como poesia. Para ele, despir as palavras de seus significados habituais é ser contra a domesticação dos sentidos e a regulamentação da necessidade das tripas. E se as palavras têm roupas, devem ter também tripas. Se nossas tripas não podem ser controladas, é preciso deixar que as entranhas das palavras sejam mostradas, e, antes disso, que as palavras nasçam e nos façam com elas nascer (ou que as palavras morram e nos façam com elas morrer).

Ressalto aqui, pela última vez, que nascer para si é participar de uma experiência que contém a morte como operadora. Não saber é estar diante de toda a possibilidade de saber, o saber é o fim da possibilidade, é um saber. Mas quem deseja, hoje, o momento no qual tudo se sabe, desnudar-se do saber? Que movimento de retirada é esse? Quais são as roupagens que caem ao chão? Uma neblina inconsistente se move, também não sabe se está desperta o suficiente, ou com (sem) a roupa apropriada para a ocasião desse encontro, desses toques. O único olho possível é o que vê a ausência presente em cada manifestação de presença. Ao ver um rosto, outro rosto é ocultado e a iminência dessa ocultação é a ausência presente em todo e qualquer rosto. Já os nossos rostos, o meu e o de quem me toca ao ler estas frases, nós ainda não ocupamos o nosso lugar no carro. A janela é sedutora, dá a impressão de que o que se move é o que está fora do vidro e, justamente, está correto - porque nossos olhos também estão. E podem, inclusive, estar escrevendo lá fora, o relato de nossa desesperação.

Referências

- BATAILLE, Georges. La experiência interior. In: BATAILLE, Georges. El aleluya y otros textos. Madrid: Alianza, 1988.
- BATAILLE, Georges. *A experiência interior: seguida de Método de meditação e Postscriptum 1953*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- BATAILLE, Georges. *História do olho*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- BATAILLE, Georges. *A parte maldita*, precedida de “A noção de dispêndio”. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BATAILLE, Georges. *Teoria da religião* seguida de “Esquema de uma história das religiões”. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- NANCY, Jean-Luc. *Ser singular plural*. Madri: Arena libros, 2006.
- NANCY, Jean-Luc. *Corpo, fora*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- NANCY, Jean-Luc. *O peso de um pensamento, a aproximação*. Coimbra: Palimage, 2011.